

ESTILO BENTO XVI

Papa impõe sua marca à Igreja

Especulações sobre possível abdicação do Pontífice em 2012 levantam discussão sobre seu legado, seis anos após eleição

No princípio, ele era considerado apenas um papa de transição, encarregado de dar continuidade às políticas de um antecessor estelar durante uma espécie de mandato-tampão.

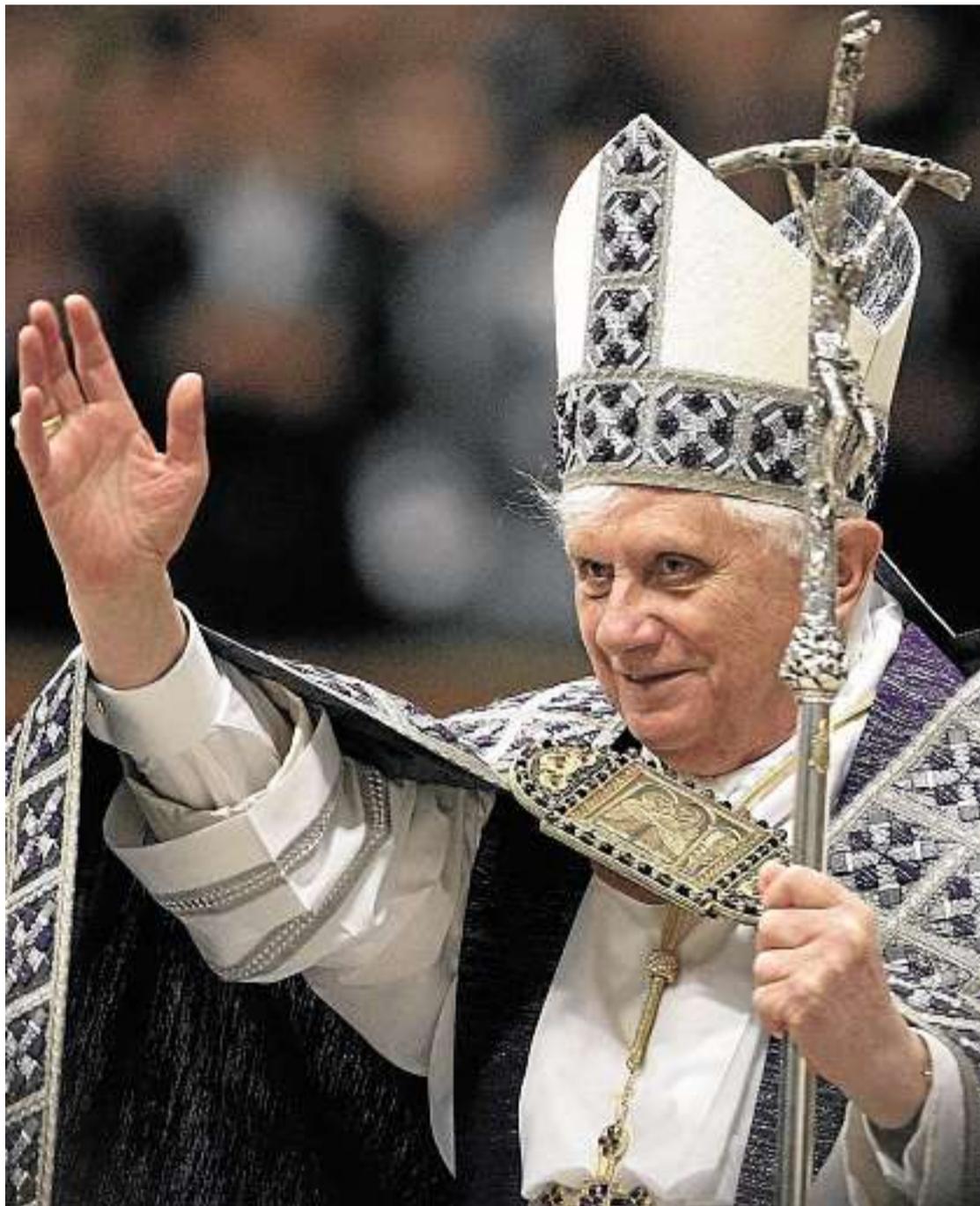
Seis anos após sua eleição, o legado de Bento XVI para o catolicismo virou tema de discussões devido a especulações – desmentidas pelo Vaticano – de que deixaria o cargo ao completar 85 anos, em abril. E confirma-se que ele transmitiu uma marca pessoal à Igreja.

A possibilidade de que Bento XVI se tornasse o primeiro papa a abdicar em mais de 700 anos foi levantada no último domingo pelo professor e jornalista italiano Antonio Socci (*leia entrevista abaixo*) no jornal *Libero* e em seu blog (www.antoniosocci.com). Na terça-feira, diante da repercussão do artigo e do desmentido do portavoz do Vaticano, ele voltou ao assunto, dizendo que o suposto desejo do Papa estaria baseado não no cansaço físico causado pela idade e no esforço exigido pelo cargo:

– O cansaço do Papa vem da amargura e do sofrimento causado pela maioria daqueles que deveriam segui-lo, obedecê-lo e ajudá-lo. E esse tipo de estresse, em um homem bom e sensível como o papa Bento XVI, é pior do que o estresse físico.

Sem o carisma e a popularidade de seu antecessor, o principal legado de Bento XVI é a insistência em uma cruzada contra o relativismo, a tendência moderna de crer que não existem verdades absolutas. Joseph Ratzinger preferiu voltar seu olhar para as igrejas vazias, em vez de se preocupar em encher estádios, como fazia João Paulo II. Nesse tom, insiste em que os católicos têm de ser extremamente fiéis à doutrina – e aceitar a proibição do aborto, do divórcio e do sexo fora do casamento. Uma das decisões sintomáticas do conservadorismo de Bento XVI foi a de levantar restrições que impediam os padres de rezar a missa em latim, instauradas na década de 1960 pelo Concílio Vaticano II, em uma modernização da Igreja.

Por outro lado, Ratzinger experimentou a ampla aprovação pública apenas em novembro passado, quando declarou que o uso de preservativos é moralmente justificável como forma de prevenção à aids. Líder da Igreja Católica em um período marcado por escândalos sexuais e alvo de ataques por conta de suas declarações controversas, o pontífice foi mais longe na condenação dos padres pedófilos do que João Paulo II – de cuja sombra parece estar definitivamente se distanciando.



Conservador, Bento XVI defende fidelidade à doutrina e chegou a ressuscitar missas em latim

REGORIO BORGIA/AP

O atual e o antecessor

ILZE SCAMPARINI

Correspondente da Rede Globo na Itália



Com João Paulo II as viagens eram mais vibrantes, as repercussões políticas também. Ele se expunha mais nas opiniões sobre o mundo, as guerras, os regimes, as injustiças. Vi apenas um protesto contra uma visita sua e foi na Ucrânia, em Kiev, feita pelos cristãos ortodoxos ligados ao Patriarcado de Moscou. João Paulo II foi o papa que teve a coragem de questionar não só o comunismo, mas também o capitalismo. A sua formação de filósofo dava a ele mais liberdade de pensamento.

Bento XVI é um papa mais sóbrio, de formação teológica. É uma pessoa muito amável. No seu pontificado muitas coisas se reduziram, não só viagens como também cerimônias. Vi muitos protestos contra ele, em Londres, Madri, Roma... Ultimamente, Bento XVI anda fazendo comentários fortes e importantes. No avião para Madri, a caminho da Jornada Mundial da Juventude, falou sobre a necessidade da ética na economia e foi muito oportuno. Cada papado reflete não só o temperamento do pontífice, mas também os problemas do seu tempo.

Com João Paulo II, vivemos o fim da Guerra Fria, do comunismo e de um tipo de ideologia. O bem-estar na Europa aumentou, e a Igreja perdeu fiéis. Com Bento XVI, a Igreja vive ainda a perda de fiéis. E, na Europa, passamos todos por uma enorme crise econômica. Será o fim do capitalismo?

ENTREVISTA Antonio Socci, escritor e jornalista italiano

“Sua saída seria uma perda enorme”

ROSANE TREMEA

Professor e jornalista, autor de 15 livros, Antonio Socci, 52 anos, é reconhecido por seus artigos a respeito da Igreja Católica. No último dia 25, chamou a atenção ao publicar um texto no jornal *Libero*, reproduzido em seu blog (www.antoniosocci.com), sobre a possível renúncia do papa Bento XVI em 2012. Por e-mail, Socci respondeu a perguntas de Zero Hora:

Zero Hora – No que se baseia essa suposição da renúncia quando o Papa completar 85 anos?

Antonio Socci – A informação é baseada no que várias pessoas, todas elas com credibilidade, me falaram a respeito dessa hipótese.

ZH – Que implicações teria para a Igreja a renúncia do Papa? E que impacto teria sobre os católicos?

Socci – Eu não posso prever. Pessoalmente, penso que Bento XVI é um grande papa e que seria uma perda enorme para a Igreja a sua saída.

ZH – Como ficaria o processo sucessório nesse caso?

Socci – Os procedimentos para a eleição de um novo papa seriam normais. Essa eventualidade já foi estudada por canonistas. Seriam seguidas as regras usuais.

ZH – Com uma possível abdicação de Bento XVI e após uma sequência de dois papas não italianos, seria a hora de assumir um papa italiano?

Socci – Qualquer previsão seria sem fundamento. Sabemos, por exemplo, que os “especialistas” acre-

ditavam, no último conclave, que a eleição de Joseph Ratzinger seria absolutamente impossível. Mas...

ZH – Cardeais brasileiros (como dom Claudio Hummes, por exemplo) e outros latino-americanos têm sido lembrados nos últimos anos como possíveis candidatos ao cargo. O senhor citaria algum deles como candidato à sucessão?

Socci – Certamente. Parece que no último conclave, por exemplo, o cardeal Bergoglio (*Jorge Mario Bergoglio, cardeal arcebispo de Buenos Aires*) tinha muitos votos.

